



O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE A VELHICE E OS TRAJETOS SOCIAIS DE SENTIDOS

Erika Camila Veríssimo da Silva¹

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “*O funcionamento do discurso sobre a velhice e os trajetos sociais de sentidos*” é um desdobramento de um projeto de pesquisa (PIBIC 2014-2015) e tem como instituição de fomento o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Filiada à Análise do Discurso, na linha de Michel Pêcheux, a pesquisa trabalhou com as seguintes categorias: discurso, sujeito e história. Desse modo, buscou compreender o funcionamento do discurso sobre a velhice e seus trajetos sociais de sentidos a partir dos dizeres materializados na mídia em geral, buscando refletir acerca das contradições e determinações históricas do sistema capitalista na produção dos processos discursivos e historicidade dos sentidos.

Partindo das concepções de Discurso, velhice e mercado de trabalho, buscamos analisar no discurso como se dá essa relação, como se manifesta no discurso sentidos que articulam velhice e trabalho, velhice e aposentadoria. Em nossas análises, deparamo-nos com discursos dúbios que pendem, por um lado, para a atribuição de sentidos negativos sobre a velhice, mas, ao mesmo tempo, sinalizam a necessidade de manter os sujeitos no mercado de trabalho, desde que os velhos/idosos também se mantenham “úteis e qualificados”.

Como os discursos são determinados pelas posições ideológicas e históricas em que são produzidos, os efeitos de sentidos têm sua inscrição nas concepções de velhice da ideologia dominante. Assim, considerando que a produção de enunciados sobre a velhice é inesgotável fez-se necessário um acompanhamento contínuo das materialidades discursivas de modo a analisar os deslizamentos de sentidos que as

¹ Graduanda em Letras pela FALE, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

envolvem, questionando suas evidências e sua ancoragem nas condições de produção sócio-históricas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, “O funcionamento do discurso sobre a velhice e os trajetos sociais de sentidos” tem como foco compreender o funcionamento do discurso sobre a velhice e sua produção de sentidos a partir dos dizeres materializados (publicados) na mídia em geral. Nosso interesse mais específico, entre os anos de 2014-2015, foi coletar e analisar enunciados que articulem a questão da velhice e do mercado de trabalho e da empregabilidade, publicadas em jornais, portais, sites de notícias, etc.; buscando, assim, refletir acerca das contradições e determinações históricas do sistema capitalista na produção dos processos discursivos e historicidade dos sentidos.

É possível observarmos que a tendência de envelhecimento da população brasileira e seu aumento significativo, vêm sendo discursivizados a partir de dados, quase sempre obtidos por pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Nessas divulgações, são dominantes os dizeres que revelam que os idosos (pessoas com idade igual ou superior a 60 anos) será a maior parte da população brasileira em 2050. Mas, além disso, há sempre uma sinalização de que tal acontecimento já pode ser percebido nas áreas de saúde e na previdência social. Esses dizeres, de certa forma, aparecem como um alerta, não só a população, mas aos poderes políticos e econômicos sobre possíveis problemas com o envelhecimento da população brasileira.

Essa preocupação difundida em discursos se depara com a dificuldade de atendimento às necessidades de autonomia, bem-estar e qualidade de vida dessa camada da sociedade, o que tem revelado também conflitos de sentidos, dizeres dúbios que sinalizam para uma “nova velhice”, priorizada nas relações de trabalho. Ao voltarmos nossa atenção para esses discursos, compreendemos que, ao serem produzidos, re-significam os dizeres que circulam sobre a velhice, mercado de trabalho e aposentadoria visando à inserção (manutenção) do velho-idoso na venda da força de trabalho na sociedade capitalista. Assim, aqueles sentidos negativos que são comumente atribuídos ao sujeito velho-idoso-aposentado, como “inútil” e “inativo”, são contrastados com o relançar de sentidos positivos como “útil” e “ativo”,

que consiste numa “valorização”, mas que tem como efeito manter a força de trabalho já qualificada em atividade no mercado.

Para melhor entendimento dos efeitos de sentidos que circulam sobre a velhice na sociedade capitalista e a forma pela qual a ideologia dominante se mostra presente em tais dizeres, apresentaremos alguns conceitos acerca da perspectiva teórico-metodológica da presente pesquisa, ou seja, Análise do Discurso (AD), na linha de Michel Pêcheux.

Os estudos de Michel Pêcheux foram produzidos no entremeio de três áreas do conhecimento: Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. O foco das questões colocadas por Pêcheux está na questão no discurso e na produção de sentidos, sobretudo nas categorias de sujeito e história. Assim, a AD leva em consideração que língua não é transparente, produz equívocos e está numa relação contraditória com as relações históricas entre os sujeitos, daí a historicidade do sentido. Segundo Pêcheux (1997, p. 160):

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Para a AD, o discurso não se reduz a uma troca de informações entre sujeitos, mas é compreendido como efeitos de sentidos entre interlocutores em determinadas condições de produção. As condições de produção do discurso possibilitam a produção de sentidos de acordo com a historicidade, contextos e posições ideológicas em que foram produzidos. No caso em estudo, estamos tratando da sociedade capitalista, regida pela lógica do capital, fundada no antagonismo de classes entre proprietários e não proprietários dos meios de produção. Assim, quando o sujeito diz alguma coisa ele sempre está assumindo uma posição social e ideológica, pois todo indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

A AD não busca o sentido como se fosse “o verdadeiro sentido”, mas busca analisar como um determinado texto produz sentidos nas práticas históricas. E para isso, constrói procedimentos analíticos para desenvolver as análises, ou seja, trabalha na

relação do dizer com suas condições de produção e nas relações com os sujeitos. Dito isto, podemos agora nos encaminhar às análises.

Para o presente momento, selecionamos três materialidades discursivas coletadas em *sites* na internet que compõem nosso arquivo de estudo.

3 ANÁLISES DAS MATERIALIDADES DISCURSIVAS

“Eles poderiam se aposentar e simplesmente curtir a vida, mas preferem trabalhar”.

O enunciado acima é o título de uma matéria publicada em 31/10/2014 no *site* “A notícia”, que parece nos informar acerca do mercado de trabalho e velhice. Como toda propaganda busca atingir determinado público-alvo a fim de transmitir ou vender um estilo de vida, constatamos que o público-alvo nesse enunciado são os velhos/idosos aposentados ou que estão para se aposentar.

Assim, quando encontramos no enunciado: “Eles poderiam se aposentar e simplesmente curtir a vida, mas preferem trabalhar”, percebemos que a escolha do verbo no futuro do pretérito, “poderiam”, produz efeito de que se fala de algo que poderá ou não ocorrer.

Partindo dessa construção discursiva “poderiam se aposentar, mas preferem trabalhar”, o discurso entrelaça sentidos entre “aposentadoria” e “trabalho”, numa relação de paráfrase/polissemia entre “poder/escolher” parar de trabalhar e o “direito” de se aposentar. Tal funcionamento silencia que a aposentadoria é um direito social conquistado, e do modo como está sendo dito, o discurso, coloca a aposentadoria como algo que pode ser uma opção, ou seja, o sujeito pode “preferir” continuar trabalhando.

Como diz Orlandi (1999, p. 85) “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move”, por isso, o discurso produz um deslocamento e tal efeito é produzido pelo funcionamento da ideologia na linguagem. Desse modo, o discurso em análise visa recrutar os velhos/idosos para se manterem ativos no mercado de trabalho.

Partiremos, neste momento, para a análise da segunda materialidade discursiva. Extraída do *site* GrupoLet.com, um *site* de Recursos Humanos, postada em 24/03/2008.

“Sinto muito, você é velho para o cargo”.

Profissional de 30 a 40 anos: veja aqui como evitar os riscos da chamada “faixa perigosa” dos processos seletivos.

Ao analisarmos o título da matéria publicada no *site* de RH que diz: “Sinto muito, você é velho para o cargo”, podemos recuperar pela memória discursiva os sentidos que constituem esse dizer sobre a velhice. Como diz Orlandi (1999, p. 31), a memória discursiva “é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Visto que nenhum discurso é neutro ou inocente, esse enunciado representa a fala de um patrão dizendo ao candidato trabalhador-velho/idoso que ele é “velho”, ou seja, “inútil” e “não serve” para ocupar o cargo.

No entanto, ao resgatar essa formulação, ela é significada de maneira diferente, pois traz formulações de sentidos já-ditos e esquecidos que estão na memória discursiva para conduzir a direção do discurso. Vemos que, em seguida, no subtítulo da matéria, encontramos: “Profissional de 30 a 40 anos: veja aqui como evitar os riscos da chamada “faixa perigosa” dos processos seletivos”.

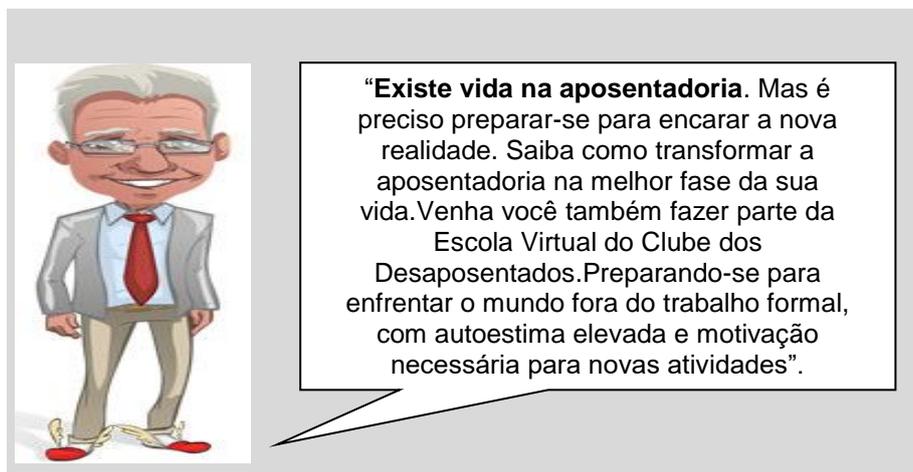
Podemos observar que o público-alvo deste anúncio são os profissionais de 30 a 40 anos, e que esse discurso consiste num chamamento do sujeito para a qualificação profissional. A questão da velhice e mercado de trabalho, contraditoriamente, constitui esse dizer. Vale ressaltar que é definido em Lei e em documentos oficiais do Estado que idoso é aquele que tem idade igual ou maior que 60 anos.

No entanto, o enunciado nos aponta que pessoas entre 30 a 40 anos também podem ser consideradas “velhas”. Com base nisso, aparece na construção discursiva uma nomeação, “faixa perigosa” nomeação, “faixa perigosa”, para determinar o limiar entre a velhice (“inutilidade”) e a juventude (“utilidade”). A “faixa

perigosa” é algo tido como lugar de risco e preocupação, e por isso se deve temer e ser evitado.

De fato, a materialidade discursiva, coloca em evidência que conseguir emprego depois dos 30 anos é algo “perigoso”, e que cabe ao sujeito qualificar-se em quanto é tempo para manter-se no trabalho. Desse modo, a classe dominante inculca através da ideologia a competitividade e a necessidade de qualificar-se permanentemente, visando à manutenção dos lucros para o capital, e silenciando as altas taxas de desemprego.

A terceira materialidade discursiva foi retirada do site “desaposentados.com.br”, um blog que é direcionado para idosos aposentados que pretendem retornar ao mercado de trabalho. Esta materialidade consiste em um áudio encontrado no blog.



A materialidade acima, em virtude dos dizeres sustentados historicamente e que circulam em torno da velhice e da empregabilidade, apresenta para o idoso uma solução para os problemas causados por essa nova fase. Como a linguagem não é transparente, é importante questionar a interpretação a partir da posição do enunciador, visto que se trata de um discurso publicitário que visa à adesão do sujeito velho/idoso ao Clube dos Desaposentados.

Compreendemos que ao afirmar: “Existe vida na aposentadoria. Mas é preciso preparar-se para encarar a nova realidade”. Esse enunciado significa pela sua diferença com “morte na aposentadoria”, ou seja, o dito deixa subentendido esse não-dito e revela dizeres de morte que circulam produzindo sentidos para velhice

como “doença e morte”. Ao utilizar o operador adversativo, “mas”, atribui-se que a “vida na aposentadoria” só existe para aqueles que se preparam para a nova realidade. Levando-se em conta que o público-alvo desse *site* são os velhos/idosos, podemos constatar que os dizeres apontam para os sentidos dominantes na constituição dos sujeitos “velhos” aposentados, evocando sentidos de “vida” articulados a “desaposentadoria”.

Observamos na continuidade da textualidade desse discurso que diz “Saiba como transformar a aposentadoria na melhor fase de sua vida. Venha você também fazer parte da Escola Virtual do Clube dos Desaposentados”, uma convocação que interpela os velhos/idosos para mudar a sua situação de “morte” (aposentadoria) e fazer da aposentadoria a melhor fase de vida. Para isso basta apenas se inscrever no “clube dos desaposentados” que é uma escola virtual que oferece cursos *on-line* para os aposentados visando ao retorno para o mercado de trabalho.

Trata-se, pois, de um discurso que materializa uma tendência de resignificação da velhice, mas que também faz exigências: “é preciso: se preparar, fazer parte do clube dos desaposentados, enfrentar o mundo fora do trabalho formal com autoestima elevada e motivação necessária para novas atividades”. Porém, o que se silencia é que essa escola virtual exige também um investimento de R\$ 195,00 com tutoria; e de R\$ 165,00 sem tutoria, e que apenas aqueles velhos/idosos que possuem condições de ter um computador com internet e que sabem utilizá-lo, é que poderão participar. Como diz Pêcheux (1997, p. 91), “a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados”, e, nesse sentido, o discurso diferencia sujeitos, dando-os acesso, ou mesmo, excluindo-os de certas tecnologias de linguagem.

Assim, a articulação entre a materialidade do discurso e as relações econômicas produzirem sentidos para os sujeitos. Por isso, no recorte seguinte, “Preparando-se para enfrentar o mundo fora do trabalho formal com a autoestima elevada e motivação necessária para novas atividades”, também podemos observar o recrutamento dos idosos para o mercado de trabalho “informal” para que eles continuem trabalhando.

Ao utilizar o verbo “enfrentar”, questionamo-nos: enfrentar o quê? A quem? Por fim, é dito que “com autoestima elevada e motivação necessária [...]”, ou seja, o que deve ser enfrentado é a desmotivação e baixa estima que novamente significa a velhice como sendo algo triste, indesejado e improdutivo.

Vemos nas materialidades discursivas como a ideologia funciona na interpelação dos sujeitos, assim como diz Pêcheux (1997, p. 157):

Se é verdade que a ideologia ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modo os ‘voluntários’ são designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem (do que eles *querem* e do que se *quer* lhes dizer), enquanto ‘sujeitos-falantes.

Desse modo, os dizeres sobre a velhice, articulados ao mercado de trabalho, exigem que os trabalhadores-velhos/idosos continuem se qualificando, não se aposentem, ou “encarem” o trabalho informal como uma satisfação pessoal, bem-estar social e realização. Essa é uma das formas do discurso “recrutar” sujeitos, dizendo como eles devem ser o que devem fazer para se manter “útil”. Assim, os velho/idosos aposentados são interpelados pela ideologia dominante para continuar exercendo suas funções de trabalho formal/informal, mesmo já tendo contribuído com previdência social, mesmo tendo vendido sua força de trabalho durante toda sua vida. A ideologia dominante, materializada no discurso, exige que eles continuem sendo “ativos e produtivos” para serem valorizados como sujeitos e escapem da “faixa perigosa”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar, mediante as materialidades discursivas analisadas nessa pesquisa, que os sentidos de velhice na sociedade capitalista estão sendo afetados também pelos sentidos de empregabilidade e manutenção do sujeito no mercado de trabalho, seja ele formal ou informal. O funcionamento do discurso retoma memórias que dizem o velho como inútil e próximo da morte para dizer que eles podem ser úteis, produtivos e terem vida, desde que continuem produzindo e inseridos no mercado de trabalho.

Há, na construção e reprodução desse discurso, marcas dos interesses da lógica do capital que, para significar o sujeito (velho-aposentado), chega até mesmo a “ameaçá-lo”, retomando discursos sobre a “inutilidade e abandono”, “faixa perigosa”, para mantê-los produtivos. Assim, monta-se um perfil do trabalhador produtivo, e a ideologia da classe dominante se materializa no discurso reproduzindo os sujeitos e sua mão-de-obra qualificada para a manutenção da lógica da produtividade e obtenção de lucros.

Portanto, os dizeres que circulam em torno da velhice e do mercado de trabalho são constituídos por contradições que produzem sentidos paradoxais. Por um lado, retomam dizeres sobre a velhice como inutilidade, inatividade, mas, por outro lado, dissimula essa significação lançando uma reformulação do discurso que produz efeitos de sentidos que afetam diretamente o sujeito para dizê-lo que é preciso manter-se produtivo e útil como se fosse uma mercadoria.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3ªed. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 3.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDAS, Pereira Célia. Memória, Trabalho e Velhice. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores In VERAS, Renato P. **Terceira Idade**: Desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro, UnAT/UERJ: Relume-Dumará, 1997.
- FLORENCIO, Ana Gama & et all. **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Maceió:EDUFAL, 2009.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo. **A ideologia da Velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O direito à velhice**: os aposentados e a previdência social. São Paulo: Cortez, 1993.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Global, 1980.
- MARX, Karl. **O Capital**. Livro I. 2º ed, São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In ORLANDI, Eni (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In ACHARD, Pierre et al. **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In MORAES, Myriam & BARROS, Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidades, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA SOBRINHO, Helson. **Discurso, Velhice e Classes Sociais**: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. Maceió: Edufal, 2007.